

MORFOMENTO
construção do impurgo pelo lodo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA/ DEP. BAB

MORFOMENTO
construção do impurgo pelo lodo

Paula Cavalcanti Alexandre
DRE 118170048

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Setor Pintura, Dep. De Artes Base da Escola de
Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Curso de Graduação em Pintura, como requisito para
a obtenção do título de Bacharel em Pintura.
Orientação: Prof. Dr. Pedro Meyer

Rio de Janeiro
2025

CIP - Catalogação na Publicação

A382m Alexandre, Paula Cavalcanti
Morfomento: construção do impurgo pelo lodo /
Paula Cavalcanti Alexandre. -- Rio de Janeiro,
2025.
98 f.

Orientador: Pedro Meyer.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2025.

1. cerâmica. 2. nojo. 3. corpo. 4. contato. 5.
fogo. I. Meyer, Pedro, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA/ DEP. BAB

MORFOMENTO
construção do impurgo pelo lodo

Paula Cavalcanti Alexandre
DRE 118170048

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado com grau: **10 (dez)** Em: **04 / 12 / 2025**

Local: **Escola de Belas Artes da UFRJ**

Orientador Prof. Dr. Pedro Meyer

Prof. Dr. Júlio Sekiguchi

Prof. Dr. Álvaro Seixas

resumo

Esta pesquisa propõe uma ressignificação do ciclo da vida, rompendo com a estrutura linear e sequencial tradicional para apresentar uma visão em que morte, nascimento e existência individual se entrelaçam em uma totalidade contínua de matéria em movimento, estruturada nos conceitos de Dissoluto, Des/abrocho e Lume. A partir da relação entre corpo e matéria, explorando temas como o nojo, a morte, decomposição e nascimento, elementos considerados repulsivos, como lodo, lama e substâncias orgânicas em processo de alteração, o trabalho investiga as tensões entre permanência e dissolução, continuidade e ruptura, resultando na produção da série *Impurgo*, que convida à reflexão sobre os limites da experiência sensorial e simbólica, questionando construções culturais que distanciam o indivíduo de sua natureza efêmera e nojenta.

vida; morte; barro; fogo; lodo; lama; matéria; movimento / palavras-chave

abstract

This research proposes a redefinition of the life cycle, breaking with the traditional linear and sequential structure to present a perspective in which death, birth, and individual existence intertwine in a continuous totality of matter in motion, structured around the concepts of *Dissoluto*, *Des/abrocho*, and *Lume*. Through the relationship between body and matter, exploring themes such as disgust, death, decomposition, and birth, elements typically regarded as repulsive, such as mud, sludge, and organic substances in the process of alteration, the project investigates the tensions between permanence and dissolution, continuity and rupture, resulting in the production of the *Impurgo* series, which invites reflection on the limits of sensory and symbolic experience, questioning cultural constructs that distance the individual from their ephemeral and abject nature.

life; death; clay; fire; sludge; mud; matter; movement / keywords

Aos meus queridos pais, a maior das gratidões por me permitirem o Des/abrocho. À minha irmã, por ser meu farol e meu porto, sem você não haveria caminho. Ao meu parceiro, obrigada por ser a força externa que atua em minha inércia – geralmente em repouso – e um imenso obrigada por me apresentar o barro e o fogo.

sumário

pensamento em palavras	08
DISSOLUTO	10
DES/ABROCHO	12
LUME	14
ponto / CÍRCULO	16
pensamento em objetos	18
barro, fogo, nojo e pedaços	19
IMPURGO	47
trabalhos anteriores	57
bibliografia	86
lista de imagens	87
anexo: exposição/ queima coletiva	88

para o Lodo do brejo onde moro.

pensamento em palavras

esse primeiro pensamento não sei de onde me veio mas sei que de algum lugar veio permeia pensamento que me disse morte disse parto mãe sangue larva lodo parto e morte como o mesmo não um bebê morto um bebê vivo que morre penso no nojo tocado pisado sem medo nojo do ovo com pintinho dentro ovo morto foi vivo por um tempo agora chamado morto arremessado longe no brejo por entre os matos arbustos pra cachorro não comer cachorros comem de tudo as galinhas comem de tudo nojento resto de tudo eu não sinto nojo de pintinho morto dentro de ovo eu pego disseco penso no nojo tocado pisado sem medo se é morto não me morde correto não sei onde mora o perigo do nojo alguns nojos eu sei nojo protege nojo de pintinho morto não me faz nada além de nojo quando era pequena não sei que tamanho tinha mas menor do que agora a um bom tempo tinham dois pequenos roedores um de repente morreu lembro de acordar e ver um pequeno roedor vivo e outro pequeno roedor que comeu durante a noite o vivo jantou a cabeça do que viveu então pela manhã tinha um vivo e um morto com cabeça comida lembro de sangue engolidas tripas que ontem antes ali tinham dois talvez meu primeiro contato com o nojo da morte esse pensamento me veio agora o outro primeiro pensamento me tinha vindo antes gosto desse dos meus primeiros roedores acho que é coerente pensar minha primeira morte morte que veio engolida não me lembro de sentir nojo de sentir medo lembro de curiosidade com o nojo com o morto com o podre fazer alquimias misturava coisas nojentas num potinho fiz enterro de libélula de rato aquele primeiro pensamento chegou e comecei a pensar sobre ele sobre o que quero falar da morte ou do morto se quero falar da morte longe da vida da vida e depois da morte cheguei na conclusão que quero falar do tudo e que tudo é sinônimo de todas as outras coisas morto e vivo não como oposto não vejo morte como fim vejo mais como começo mas lá no fim do texto

eu acabo vendo um ponto
vou falar sobre essa morte começo vou falar de morte sinônimo da morte de
ponto mas falo do resto

com pontuação.

Porque a garganta dói

Este trabalho consiste em um pequeno espaço onde colocarei algumas ideias e vontades de produção, trazidas aqui de forma um tanto quanto breve e despretensiosa, que começaram a ser elaboradas durante minha graduação na Escola de Belas Artes e serão mais aprofundadas e destrinchadas no decorrer de minha formação acadêmica.

Proponho aqui, uma nova abordagem para o que hoje entendemos como Ciclo da Vida. Rompendo com a narrativa tradicional de -nascimento-vida-morte- e reorganizando suas etapas em uma lógica invertida -morte-nascimento-vida- (compreendidos aqui como *-Dissoluto-Des/abrocho-Lume-*). A inversão não é meramente estrutural, sugere que a verdadeira chegada à vida e ao mundo talvez não ocorra no momento do nascimento, mas sim a partir da morte, onde reside o retorno à natureza, à continuidade absoluta. A partir dessa perspectiva, a morte não é vista como um fim, mas como a primeira etapa de um ciclo onde a matéria do corpo se dissolve e se reintegra à Unidade, em um fluxo vital contínuo. Diante dessa abordagem, dou início, mais a frente, a uma discussão sobre a imagem do círculo dentro da nossa perspectiva simbólica de Ciclo, assim como sua forma geométrica, buscando fora de visões ocidentais e contemporâneas que eu mesma carregava dessa imagem, para reformular incômodos pessoais sobre o tema.

A partir desses pensamentos dou início a uma produção que tenta trazê-los à matéria; utilizando de artifícios já conhecidos e elaborados durante minha graduação, como a pintura e a fotografia, mas principalmente trazendo os materiais com que tenho me relacionado ultimamente: cabelo, barro e fogo. Esses dois últimos têm me mostrado alguns caminhos interessantes para elaborar minhas vontades, além de serem capazes, de forma inerente, de criar aquilo que essa pesquisa mais preza.

Contato¹.

Aquilo que toca.

¹ “Contato”: Ato ou efeito de contatar; toque. / Junção ou conexão entre dois condutores que permite a passagem de uma corrente. / Superfície de encontro entre duas rochas. / Convivência, convívio, relação.

sobre estar disposto a apodrecer
encontrar conforto no lodo
sobre talhar os dedos à sentir o prazer da lama
na pele viva
na pele morta
acolher entranhas
enxergar tua existência em ninho dérmico
sobre aprender a admirar vida e morte
admirar a Vida pela Morte
sobre aprender a morrer aprender a viver aprender a morrer vivo

DISSOLUTO

Dissoluto representa uma primeira fase da matéria, onde a decomposição do corpo não significa o desaparecimento, mas um reencontro com sua continuidade², um verdadeiro “nascer” onde acontece uma certa fusão de um corpo com a terra, tanto no sentido do elemento material terra, o solo em que os corpos mortos são dispostos, como no sentido de terra sendo uma Unidade de existência no tempo. O *Dissoluto* é dissolver-se nesta unidade, abandonando a individualidade do Ser “nascido/parido/brotado”. Assim como em uma dissolução química, onde ocorre o processo de dispersão de um soluto (substância que se dissolve em outra substância assumindo seu mesmo estado físico) em um solvente (líquido que pode dissolver outras substâncias), dando origem a uma solução homogênea, nós como seres “solutos” a partir da experiência de morte, nos decompomos em pequenas partículas dispersas no lodo. Dissolvemo-nos

² Para Georges Bataille, no livro *O Erotismo*, de 1937, **continuidade** é o estado em que os seres existem sem delimitação individual, em uma unidade indiferenciada e ininterrupta. Trata-se de uma condição anterior e posterior à existência consciente, em contraste com a **descontinuidade**, que define a experiência individualizada e separada do sujeito. A continuidade é acessada em momentos-limite — como a morte, o erotismo e o sagrado — nos quais a individualidade é momentaneamente suspensa, permitindo uma fusão com o todo.

até o ponto de uma homogeneidade total nesta Unidade que contém o todo, nela não existe para além de intenção e potência.

A palavra dissoluto traz, para além do conceito de dissolver-se, a “frouxidão moral”. Ao longo da história, “dissolução” passou a ser usada para descrever comportamentos vistos como desregrados ou decadentes³, assim como a noção do libertino, pervertido, depravado, imoral. Dissoluto traz consigo todo o desregramento moral dentro de uma sociedade movida a tabus, assumindo assim, uma representação tanto quanto óbvia ao grande tabu da existência humana. A ideia de desaparecer, de deixar de existir como indivíduo, é algo que desafia profundamente a consciência humana. Em praticamente todo período histórico a morte é majoritariamente envolta em rituais, crenças e mecanismos de negação, diferente de outros tabus que variam com tempo, espaço e cultura, o medo da morte é universal e se manifesta de diversas formas, na tentativa de prolongar a vida indefinidamente, na negação do envelhecimento, medicalização extrema ao fim da vida, na marginalização dos cadáveres e dos processos naturais da decomposição. Esconde-se os mortos e constrói-se narrativas de pós vida para dar sentido à finitude. A morte é o grande limite, aquilo que não pode ser controlado ou revertido, por isso, talvez o tabu mais profundo e persistente da humanidade.

Neste trabalho, começo a dissecar tanto a Morte, quanto a Vida, tentando enxergar por outros ângulos, outros nomes e outras ordenações, talvez me aproveitando da mesma didática de aulas de desenho, em que aprendemos a enxergar forma antes de objeto, para visualizar a Morte em sua forma essencial, antes de se tornar símbolo. Símbolo nojento e amedrontador. A ideia da dissolução do indivíduo nos oferece um conforto de uma morte que não traz consigo o desaparecimento, aquilo que nossa mente não é capaz de imaginar (a não existência), muito menos aceitar.

Dissoluto nos mantém fazendo parte daquilo que existe.

³ “vida dissoluta” viver sem regras ou restrições, “dissolução dos costumes” perda de valores tradicionais

*Esparsa pela lama.
 Esgarço minha carne
 Rasgo-me no meio, embaixo
 Parto cada osso em três
 Um pro que eu era outro pra teu novo contorno
 O último pedaço
 Parto em mais setenta e dois com meus berros
 Todos os berros.
 Setenta e dois nomes diferentes que poderia escolher
 Chora pra todos eles, enquanto
 Olha pra baixo cada ponto se ligando ao outro
 Ergueu toda essa massa de lama?
 Sua primeira linha Sendo traçada ordenada enroscada
 Primeira linha pinçada e,
 Mais berreiro berreiro celeuma nunca mais vai ter silêncio
 Linha pinçada e cortada.
 Mas corte não dissolve sua lama
 Massa de lama já vem toda contornada, veio contornando por cada virada do avesso.
 Escorrendo uma gota de sangue suor, de gozo.
 Já vem podendo encostar na gota com seu próprio dedo de brejo, Colhida do Lodo,
 Juntada por dois
 Em setenta e dois pedaços, contornada e separada
 separada
 Até voltar pro começo,*

DES/ABROCHO

Após o *Dissoluto* temos o instante do *Des/abrocho*, termo escolhido para falar do nascer. Sendo abrochar unir-se, prender-se, apertar-se, unir com broche, desabrochar seria o desvencilhar do que estava preso, romper, eclodir, a manifestação do que estava latente ou contido. A partir da ideia de que a Unidade é o contido do todo, em que se encontra apenas potência, e que fazemos parte

desta através da morte – *Dissoluto* –, tal manifestação do *Des/abrocho* se dá no ato de tornar-se indivíduo. Aquele, antes soluto dissolvido na morte, desabrocha como partículas novamente juntadas entre si, ao mesmo tempo que separadas do resto, voltando a uma existência que traz consigo o peso do não pertencimento. O termo *Des/abrocho* – utilizando uma barra entre “des” e “abrocho” – traz consigo seus dois lados, é romper e eclodir com a existência prévia ao mesmo tempo que se prende e se aperta ao seu novo corpo.

O forte estado de rompimento no *Des/abrocho* é claro através da dor, do choro, do sangue, do grito, uma emergência da singularidade no fluxo contínuo da morte, rompe-se com a continuidade absoluta e entra-se no domínio da descontinuidade, adquirindo consciência de si e de sua separação do todo. A unidade se fragmenta, se esgarça e se amassa em carne, em forma, em nome; a transição brutal e dolorosa do indistinto ao indivíduo, do contínuo ao descontínuo. O corpo sai do útero, do lodo, dessa solução homogênea da morte e se torna matéria delimitada. Um corte abrupto. O indivíduo, a partir da fecundação, começa a experienciar essa delimitação entre ele e outros, mas ainda com a segurança de uma integração ao corpo materno. Ainda que o ser comece sua multiplicação e separação, traçando seus contornos e formando um corpo finito, ele continua sendo completamente envolto por um corpo que é um pouco outro e um pouco ele. Calmamente, nós somos por longos meses apresentados aos nossos limites simbólicos e físicos, até o momento, impossivelmente calmo, em que somos obrigados a encarar de uma vez por todas que fomos (aparentemente) expelidos dessa Unidade, e apresentados a uma certa solidão.

Tentamos nos comunicar, mas nenhuma comunicação entre nós poderá suprimir uma diferença primeira. Se vocês morrerem, não sou eu quem morro. /.../ Mas não posso evocar esse abismo que nos separa sem, logo em seguida, experimentar o sentimento de uma mentira.

BATAILLE, Georges, 1897 – 1962. “O Erotismo”. Tradução de Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

Diferente do *Dissoluto*, que é o abandono das delimitações da forma, o *Des/abrocho* é estrutura. É o momento em que o ser se reconhece limitado, consciente de si (desabrocho é desabrochar e abrochar ao mesmo tempo), é a fundação do que chamamos de “eu”, mas também o primeiro passo para uma nostalgia da unidade perdida. É nesse instante que nasce a angústia fundamental da existência, o corpo, agora distinto, passa a buscar incessantemente um retorno.

O *Des/abrocho*, então, não é apenas um nascimento biológico, é a eclosão do desejo, do medo, da consciência, da memória. O desejo nasce com a consciência dessa separação, e essa ânsia de retorno nos move.

*aprender as escolhas
apreender Escolhas*

*deitar
chorar a terra,
andar na terra
sucumbir ou r
expirar
se agarrando aos laços de um rizoma
tento desdualizar, aprendendo a apreender esses passos de lama
a confusão basta quando não é confusa, quando aos tropeços cada
impulso cambaleante
pra frente
mais veloz que o escorrer da gota vermelha no dedão do pé*

LUME

Na próxima etapa do ciclo temos Lume – luz, fogo, fonte de calor, chama, aquilo que se encontra no espaço de tempo entre o Desabrocho e o Dissoluto. De acordo com a expressão “trazer a lume” (revelar, tornar conhecido), a vida individual seria um processo de revelação, um percurso onde experimentamos a sensação de separação para, ao longo dessa existência, reconhecermos gradualmente nossa inevitável volta à continuidade. É no Lume que a existência assume o ápice de seu caráter transitório, em que somos convidados, a partir de uma experiência material em um corpo individual e da consciência de si mesmo, a questionar a própria separação em si. O ciclo é desenhado nesse eterno processo de escolher separar-se da Unidade, e aceitar sua reintegração; a experiência de se perder para se reencontrar.

O fogo é aquilo que nos chama, nos invoca e essencialmente nos mostra; uma luz que nos permite enxergar quando a escuridão nos isola a partir do Des/abrocho. A delimitação corporal do Lume nos permite vivenciar tanto solidão quanto a solidão dolorosa; assim como também nos permite experienciar o encontro, o pertencimento e as relações com outros corpos. Essa jornada que

perpassa pela individualidade, pelo confronto de se enxergar sozinho, e pelo sagrado de se enxergar em outros e com outros, talvez seja a forma da existência movimentar a si própria, um eterno lembrete da existência para ela mesma, através da saudade e da memória. O Lume carrega em si a ambiguidade daquilo que ilumina e que consome, é a própria matéria em combustão⁴; e é nesse duplo movimento que a vida individual se sustenta, enquanto centelha⁵. Não há permanência no Lume, mesmo o que parece sólido está em processo; a matéria, ao ser atravessada pela chama, assume outra forma, outra resistência, outra pele.

Viver é ser moldado e queimado como o barro. Permitir-se ser alterado.

Muitas vezes desmanchado rachado amassado pelo processo.

A potência da existência está justamente em sua instabilidade onde nada é fixo, tudo pulsa; a chama dança, oscila, exige cuidado e nos deixa à mercê dos sopros que intensificam e apagam. Lume não é apenas um estágio, mas uma condição, a experiência de sermos matéria consciente da própria transitoriedade; é quando a luz nos mostra — nos lembra — que somos feitos de tempo, de desejo e de barro.

⁴ Reação química onde um combustível reage com um comburente, geralmente oxigênio, liberando energia na forma de calor e luz.

⁵ Partícula que se desprende de um corpo em brasa; fagulha ou faísca. /Que brilha somente por um instante.

ponto / CÍRCULO

Em meio ao processo de refletir e escrever sobre as três etapas faladas anteriormente, a ideia de *ponto* apareceu como resposta a um incomodo com o termo “ciclo da vida”, onde algo sobre minha percepção da imagem do círculo me inquietava. A sensação era a de repetição de um mesmo percurso, o *Ciclo da Vida* parecia um caminho com começo meio e fim extremamente definido, e que ao final desse caminho voltaríamos para esse “começo” e tudo se repetiria da mesma maneira. A visão era a de uma reta que se fecha e se conecta com ela mesma, criando um contorno definido para se caminhar sobre ela, não permitindo escolhas para além das duas direções possíveis dentro de uma linha.

Por consequência, comecei a pensar num termo que acalmasse minha inquietude quanto a visão do círculo. *Ponto* apareceu como uma sensação de preenchimento e infinitude; uma aparente resolução para contrapor a limitação de um caminho único oferecido pelo “círculo/linha fechada”. Um *ponto* que a princípio enxerguei como uma forma que conteria tudo, todas as possibilidades, todas as direções e infinitos caminhos. Fez sentido por um minuto.

Mas talvez não exista caminho nenhum no *ponto*.

O **ponto** é um objeto que não possui definição, dimensão e forma. Por isso, é impossível encontrar qualquer medida nele, como comprimento, largura, altura, área, volume etc. O **ponto** é a base de toda a Geometria, pois é a partir de conjuntos deles que são formadas as figuras geométricas. Usualmente representamos o ponto com um “pingo” ou uma bolinha, mas é importante saber que isso é apenas uma representação geométrica.⁶

No *ponto* não existe movimento ou forma.

Ele é a compreensão estática de uma existência inteira, nele é contido tudo, mas nada se move, nada se modifica, todas as infinitas transformações já estão existindo dentro dele.

O que quero pensar é a matéria em movimento, é o tempo no espaço, são as locomoções dessa matéria viva. A morte e o nascimento nada mais são do que partículas se movimentando dentro do espaço, uma hora delimitadas em um corpo só e em outro momento espalhadas por entre outros corpos vivos. Assim como enxergamos o ciclo da água, por exemplo, onde acompanhamos a água se transformando e caminhando pelo espaço em outras formas como gelo e

⁶ Publicado por Luiz Paulo Moreira Silva, no site <https://mundoeducacao.uol.com.br/matematica/nocoes-primitivas-geometria-ponto-reta-plano-espaco.htm>

vapor, mas ela não deixa de ser a mesma molécula se movimentando em velocidades diferentes por esse espaço.

Entendi que o incomodo com a simbologia do círculo vem de uma percepção mal concebida, enxergando a imagem como essa linha que se fecha nela mesma, mantendo a intenção do “caminhar” em duas direções -pra lá, pra cá-, mas a tentativa de trazer o *ponto* não condiz com o movimento daquilo que é vivo, o *Círculo* traz não a repetição do caminhar sobre essa linha, mas a infinitude de possibilidades; ele começa, aqui, a ser compreendido de uma outra forma, uma forma que, na realidade, é a descrita pela própria geometria.

Nunca foi uma linha que se fecha.

O *Círculo*⁷ é um conjunto infinito de pontos.

A vida material que falo aqui é baseada na matéria em movimento, ela só existe através da existência de Tempo no Espaço. E tal movimento acontece por esse emaranhado de infinitos pontos e infinitos caminhos dentro do Ciclo da Vida.

⁷ Sendo a *circunferência* a linha que delimita o círculo, e o *círculo* a região interna por ela delimitada, para fins desta pesquisa, essa consideração geométrica não será relevante para o desenvolvimento conceitual aqui proposto. Essa escolha se dá pelo interesse simbólico da expressão “ciclo da vida”, cuja força imagética e conceitual está vinculada à forma do círculo, e não à precisão geométrica dos termos.

pensamento em objetos

encontrei a luz e os pigmentos primeiro a fotografia e a pintura desde sempre fizeram parte da minha vida quando pequena me lembro de sentar ao lado do meu pai em frente ao cavalete enquanto ele segurava por cima da minha mão e conduzia o pincel conheci tinta tela e cheiro de terebentina guardo com carinho um livro especial que tenho desde criança sinto que foi minha primeira descoberta do poder da imagem da cor da forma sinto a mesma sensação daquela época folhear o livro me encantar profundamente a potencialização de sensações que a imaginação acendida por elas me trazia

alquimia e percepção visual da matéria e do nojo a partir da textura na ausência de supervisão eu brincava de fazer misturinhas de materiais quaisquer que chamavam minha atenção saindo pela casa adicionando componentes encontrados pela cozinha fazendo misturas de alimentos mel iogurte pedaços e texturas de biscoitos e grãos passando pelo o que pudesse encontrar no banheiro misturando espuma de xampu e cremes seguindo para a varanda e adicionando terra folhas galhos lembro de olhar aquela lambança misturada e chacoalhar até tudo se misturar entre si e perder a individualidade material restando apenas uma gororoba nojenta me trazia alegria prática inocente de criança que ainda não tem nojo apenas curiosidade sensorial percebo a atração curiosa aos animais decompostos comidas mofadas larvas minhocas seres rastejantes a curiosidade livre do medo nunca senti nojo ao ver um ser morto ou vivo o que existia dentro de mim como resposta era uma certa admiração e desejo de esmiuçar recordo de uma imagem um livro de anatomia do meu pai não sei quando ou qual ocasião me deparei com aquela imagem mas ela nunca saiu da minha cabeça acredito que talvez tenha sido a primeira foto que vi de um corpo humano abaixo da nossa conhecida camada de pele que nos protege tanto dos perigos de se estar vivo quanto do perigo de nos deparar com nossas próprias entranhas

a fotografia me acompanhou durante essa jornada curiosa apreendendo as mortes e os nojos encontrados pelo caminho criando forma através de luz que cintilava e atraía meu olhar para pequenas cenas asas amassadas meios-corpos comidos pelas formigas que subiam nos meus dedos quando não controlava meu anseio por pegar a morte na mão

barro conheci já adulta assim como o fogo foi um encontro tardio mas que me preencheu de diversas formas diferente de outros materiais o barro e principalmente o fogo me trouxeram

experiências e aprendizados que nenhum outro foi capaz a queima à lenha foi e continua sendo um espaço de exaustão e nutrição esforço sustentado pela expectativa de receber um presente imenso do fogo distribuído entre belas peças desapego entrega

e companhia

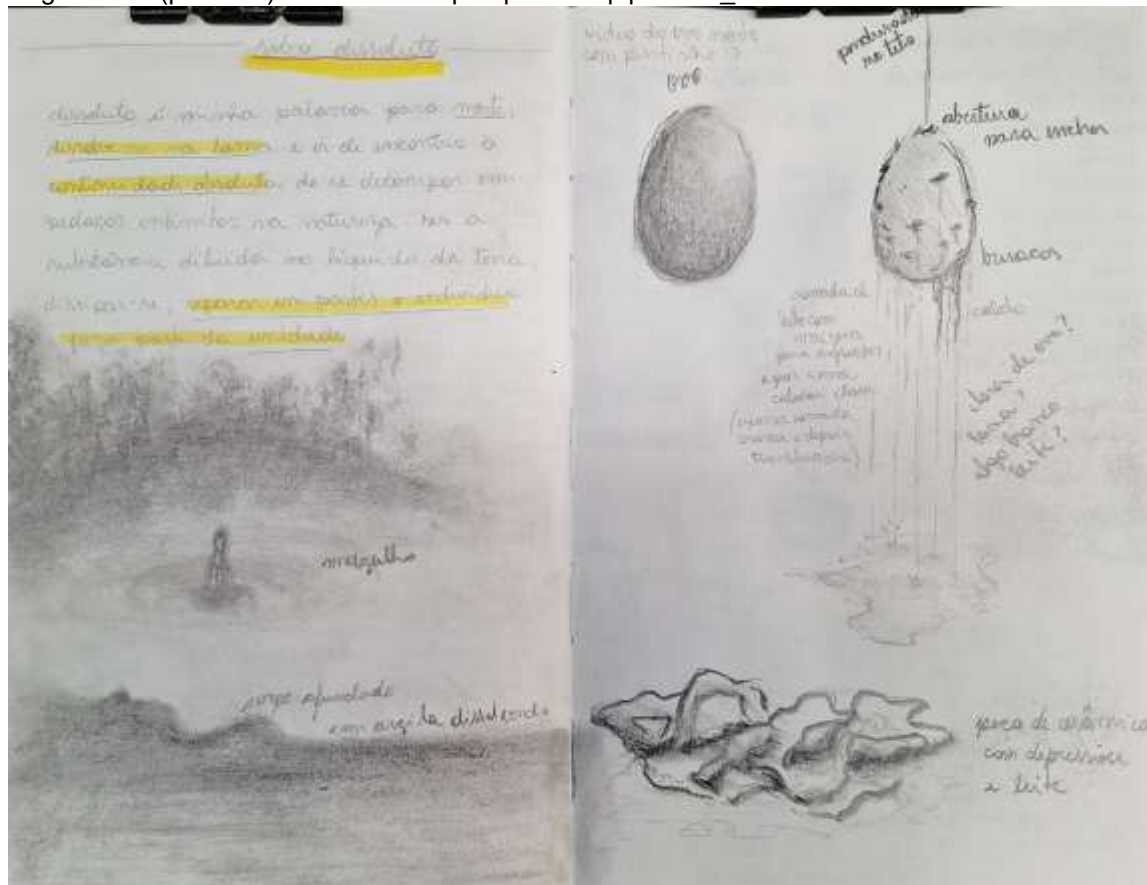
barro, fogo, nojo e pedaços

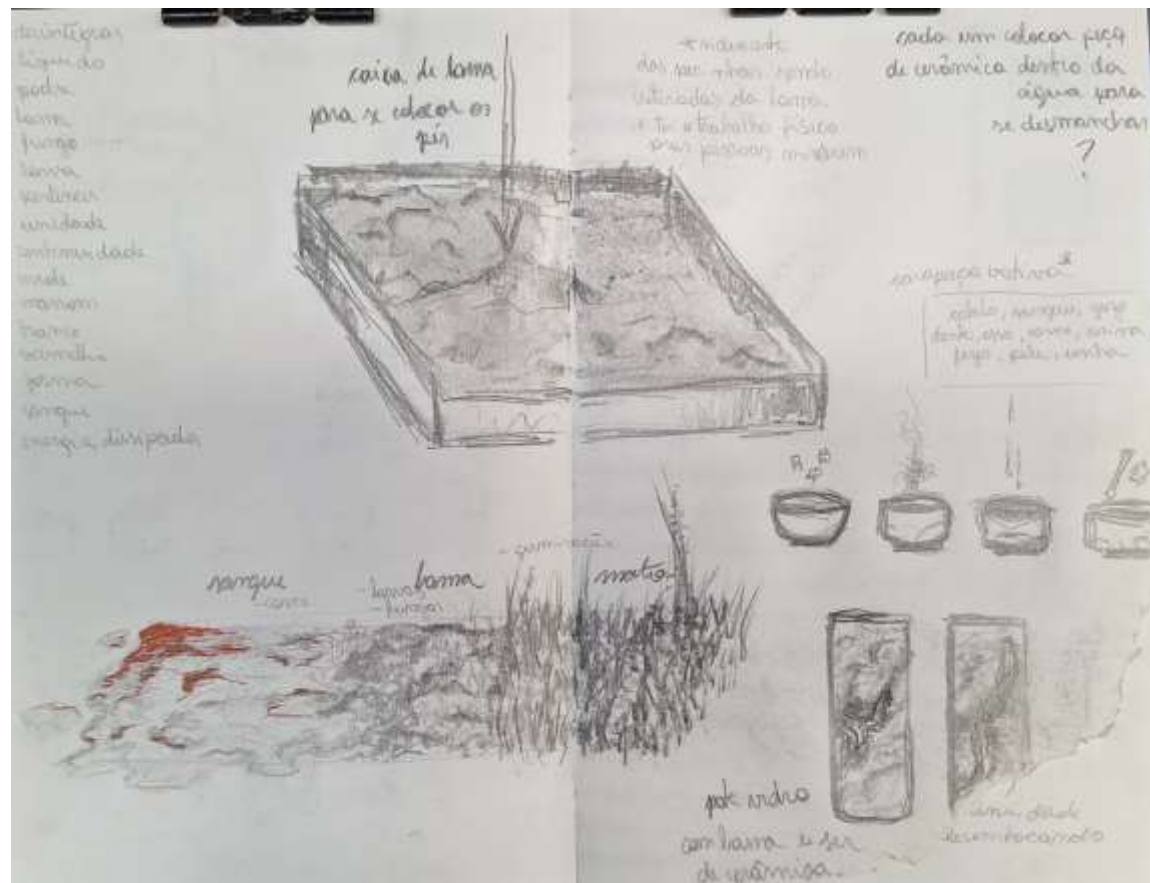
A partir da poética discutida em *pensamento em palavras*, a pesquisa se desdobra com a produção artística, especialmente a cerâmica, bem como alguns referenciais filosóficos e literários que abordam o nojo, a decomposição, a sujeira; o barro — matéria primordial tanto da cerâmica quanto da própria temática discutida anteriormente— é um elemento central nessa investigação, pois transita entre o sólido e o líquido, passando por uma anamorfose a partir do fogo, servindo como metáfora para a própria condição da existência.

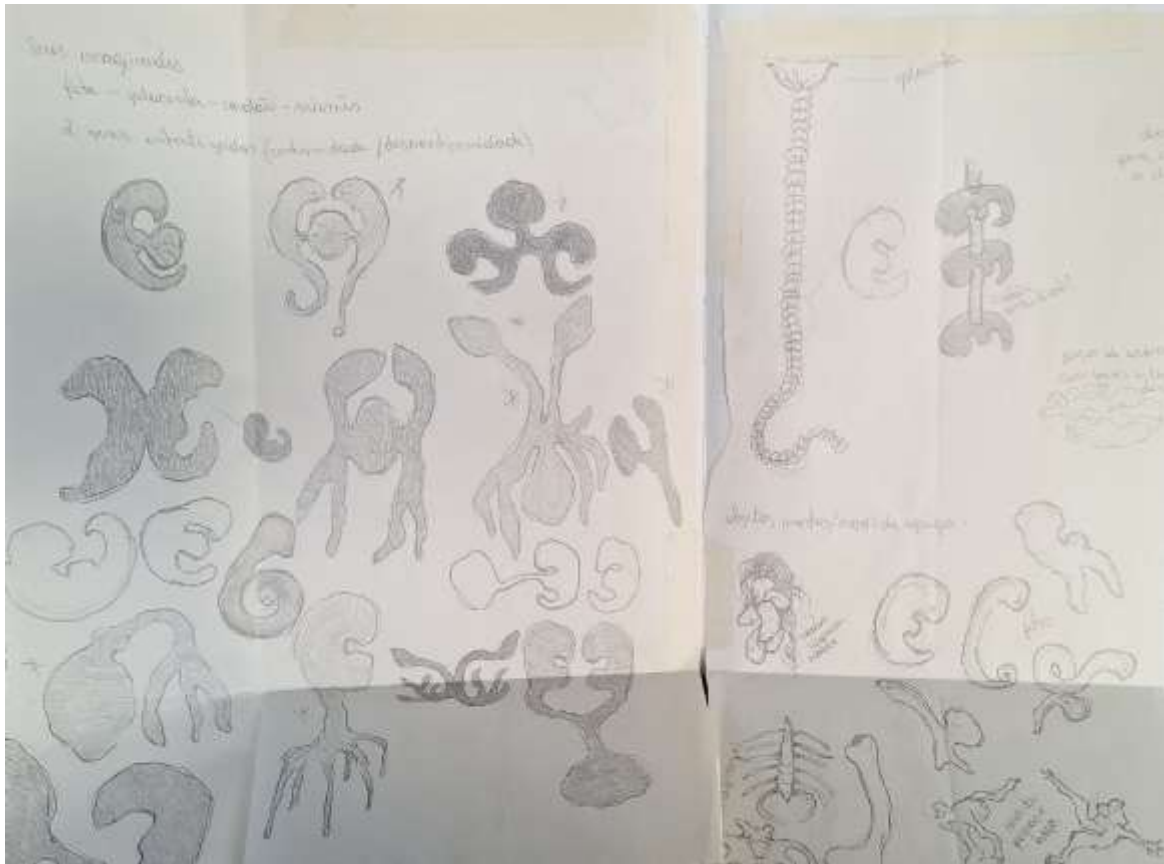
Não existe, na produção dos trabalhos, uma narrativa que explique pontualmente cada criação. As ideias das obras nascem a partir do fluxo de pensamento da pesquisa, onde em determinados momentos, os objetos/ símbolos/ imagens/ vontades surgem quase que espontaneamente e são rabiscados no papel durante o pensamento. Essa prática foge da metodologia acadêmica comum, onde somos incentivados a racionalizar de forma consciente cada etapa do nascimento de uma pintura, por exemplo. Começamos pela poética, traçando nossas ideias a partir de uma coletânea de referências, depois seguimos para estudos de forma a partir da produção de imagens de nosso interesse fazendo suas variações de luz/ sombra, formato e disposição dos objetos no espaço. Logo em seguida vamos racionalizar sobre as cores, os padrões, a mídia a ser utilizada, fazer experimentações de algumas possibilidades, até que chegamos à ideia finalizada e enfim a produção da obra de fato começa. Na obra final não é obrigatório seguir à risca o resultado que chegamos com os estudos, a liberdade de criação é inerente quando se fala de produzir uma peça de arte, durante todo o percurso podemos sempre desviar do caminho anterior, causando mudanças pequenas ou drásticas. Porém, a metodologia insinua que existe um caminho ideal, bem planejado e racionalizado, que nos leva a um trabalho melhor executado. Particularmente, essa metodologia nunca me prestou bem. Toda minha produção costuma surgir “de repente”, o processo de produzir pode ser demorado, tortuoso, se transformando em outro a cada etapa, mas a ideia inicial a ser trabalhada tem o costume de me surgir inesperadamente, ao invés de ser construída. Claro que existem gatilhos que dão início a um pensamento de criação, uma imagem que vejo, uma cena de filme, uma obra de outro artista, uma frase em um livro, uma fala minha ou de outro numa conversa, as vezes minha própria linha de raciocínio dentro de um diálogo mental comigo mesma, me levam à intenção de um trabalho, me levam a visualizar algo físico, geralmente a partir da matéria da cerâmica, da pintura e fotografia.

No processo deste trabalho, encontrei um meio termo entre a metodologia acadêmica e meu impulso natural de esperar o trabalho “surgir”. Comecei pela parte escrita, desenvolvendo aos poucos o tema que queria dialogar, e durante esse processo, formas foram aparecendo e sendo esboçadas no caderno.

Fig.01 a 04 (p. 20-21) – Caderno de pesquisa. Arq. pessoal_2025







Esses esboços permaneceram no caderno por um bom tempo, enquanto continuava o trabalho de colocar em palavras o que queria elaborar. Mais tarde, voltei a olhá-los com cuidado e comecei a refinar algumas ideias até chegar as peças finais. Entendi que o contexto dessa produção se apoiaria em dois pilares: o contato direto do outro com minhas peças; e o contato direto do outro com o lodo/ sujeira.

O mais importante sobre a produção talvez seja apresentar aos outros e a mim mesma a possibilidade de escolha sobre aquilo que nos amedronta e nos enoja. Trabalhar a habilidade de contato com o abjeto.

Trechos de “Os poderes da arte à prova do nojo”⁸

O nojo experimentado no contato com uma superfície viscosa não produz nenhuma repugnância do tipo moral. O cinismo de Ricardo III na peça de Shakespeare, inspira uma profunda aversão moral, mas não induz náusea ou enjoo. O nojo dispõe de um campo de objetos relativamente limitados. Em “le dogout” de Kolnai, é estabelecido seus objetos típicos: podridão (definhamento de um corpo físico) putrefação,

⁸ Tradução livre de TALON-HUGON, Carole. Les pouvoirs de l'art à l'épreuve du dégoût. Ethnologie française. Paris: Presses Universitaires de France. XLI, 2011, 1, pp. 99-106. Trechos retirados do texto no link: <https://pt.scribd.com/document/717111933/Os-poderes-da-arte-a-prova-do-nojo>

decomposição, odor cadavérico, tudo aquilo que é passagem do vivente ao estado morto, excrementos, secreção, bichos rastejantes, assimilados a parasitas, tudo aquilo que infesta, adere, se aglutina, boia. /.../ A lista dos objetos intencionais do nojo não diz respeito nem ao campo do inanimado nem ao da ética: ele está circunscrito ao campo do orgânico. /.../ O nojo é uma perturbação brutal da consciência que se vê invadida por uma percepção sensorial fortemente incômoda, acompanhada por reações fisiológicas profundas (náuseas, enjoos, vômitos), uma confusão violenta e penosa. Ele suscita uma reação de fuga ou de rejeição que provoca o afastamento do objeto que o ocasiona. A arte, mesmo que ela não possa mais ser tão simplesmente definida como no século XVIII por sua finalidade hedonista, permanece, todavia, ligada à ideia de satisfação estética, qualquer que seja a complexidade desta noção. A questão, por conseguinte, é: a arte pode continuar a perseguir esta finalidade escolhendo seus temas nos objetos intencionais do nojo? /.../ O paradoxo dos afetos negativos designa o fato de que a arte é capaz de estetizar uma série de coisas: o feio, o banal, o trágico, a morte, o sofrimento, etc. Por uma estranha alquimia, ela permite superar a negatividade dos sentimentos que acompanham ordinariamente tais espetáculos. Entre muitos outros, Santo Agostinho percebia este paradoxo em relação ao espetáculo teatral: “o espectador quer sentir a aflição do espetáculo (aventuras trágicas e lamentáveis), e nesta aflição consiste seu prazer” (Agostinho (santo), 1964, p. 50). /.../ O nojo é uma emoção e não um sentimento, ou seja, um afeto intenso, breve e repentino. Assim como nas outras emoções, há pouco lugar no nojo para julgamento: o medo que me submerge precede as razões de ter medo; a cólera me invade antes que eu tenha claramente consciência do que não tolero; o nojo me “abraça” independentemente do saber de uma hipotética razão para esta repugnância. A dimensão somática do nojo é, por outro lado, bastante pronunciada: ele comove o corpo por meio de uma perturbação fisiológica momentânea que diz respeito notadamente ao aparelho digestivo e circulatório. O nojo faz parte desse pequeno grupo de emoções ditas “primitivas”, respostas inatas e pré-organizadas relativas a esta zona do cérebro que é o sistema límbico (Damásio, 1996): a alegria, a tristeza, a surpresa, o medo, a cólera e o nojo (Griffiths, 1997). /.../ A brutalidade deste afeto (ele surge quando de uma percepção sensorial – olfativa, visual, tátil... –, sem a mediação de julgamentos e de avaliações), seu caráter intrusivo (ele afeta não somente a alma mas o corpo) e seu arcaísmo fazem dela uma emoção invasiva, incontrolável, largamente indomável.

TALON-HUGON, Carole. “Les pouvoirs de l’art à l’épreuve du dégoût”. Université de Nice, Paris, 2011.



Fig.05 - Fotoperformance. Arq. pessoal_2025

O lodo/lama encontra seu lugar de destaque nas peças produzidas, não apenas como matéria prima para a produção da cerâmica, onde parte do barro utilizado foi coletado por mim mesma no brejo onde fica meu ateliê, mas também como matéria crua e úmida, usada aqui para simbolizar esse nojo; nojo da morte, da vida, da matéria orgânica que nos compõem e decompõe.

Os objetos rabiscados no caderno foram sendo refinados à medida que o entendimento sobre a dinâmica das obras foi sendo compreendido, decidi que os trabalhos seriam compostos, majoritariamente, por recipientes (aquele que é capaz de receber; que possa conter algo) de cerâmica, que conteriam o abjeto lodo/barro/terra. Tais recipientes teriam como objetivo serem tocados por quem vê a obra.



Fig.06 – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha, e lodo_2025

Fig.07 a 10 (p. 25) – produção das peças em argila crua, arq. pessoal_2025



É inerente a cada peça produzida a intenção do toque. O tato é percebido aqui como sentido primordial; quando trago a discussão sobre a matéria em seu ciclo de morte e nascimento, entendo a percepção tátil como aquela que se é percebida de forma primeira quando nascemos. O bebê, antes de dar sua primeira inspiração pelo nariz, abrir os olhos, usar a exploração oral com as terminações nervosas da boca, ou até mesmo compreender os sons que escuta, ele sente em sua pele – seu novo contorno – tudo ao seu redor, o acolhimento e suporte do líquido amniótico e o expurgo do parto, sentindo em seu novo corpo a passagem do corpo da mãe aos toques externos.

“O forte estado de rompimento no Des/abrocho é claro através da dor, do choro, do sangue, do grito, uma emergência da singularidade no fluxo contínuo da morte” (pagina 13). O processo de fecundação e parto, também é enxergado aqui, como forma e matéria sensorial, que resume de maneira simples e já experienciada por cada um de nós tal corte do nascimento. O parto como um momento de abjeção – sangue, fluidos, um corpo que se desloca de outro. Na cerâmica, a argila moldada e queimada é resultado de um processo semelhante; o barro era lama, parte da terra, mas ao passar pelo fogo assume sua forma individual, rígida. O útero é um forno que nos sinteriza.

Fig.11 (p. 27) – produção das peças em argila crua, arq. pessoal_2025

Fig.12 (p. 28) – cerâmicas de alta temperatura queimadas à lenha, arq. pessoal_2025

Fig.13 a 15 (p. 29-30) – *“Impurgo”* cerâmica de alta temperatura queimada à lenha_25cmX32cmX25cm_2025

Fig.16 (p. 31) – *“Impurgo”* cerâmica de alta temperatura queimada à lenha_20cmX16cm_2025

Fig.17 (p. 32) – *“Impurgo”* cerâmica de alta temperatura queimada à lenha_10cmX7cm_2025

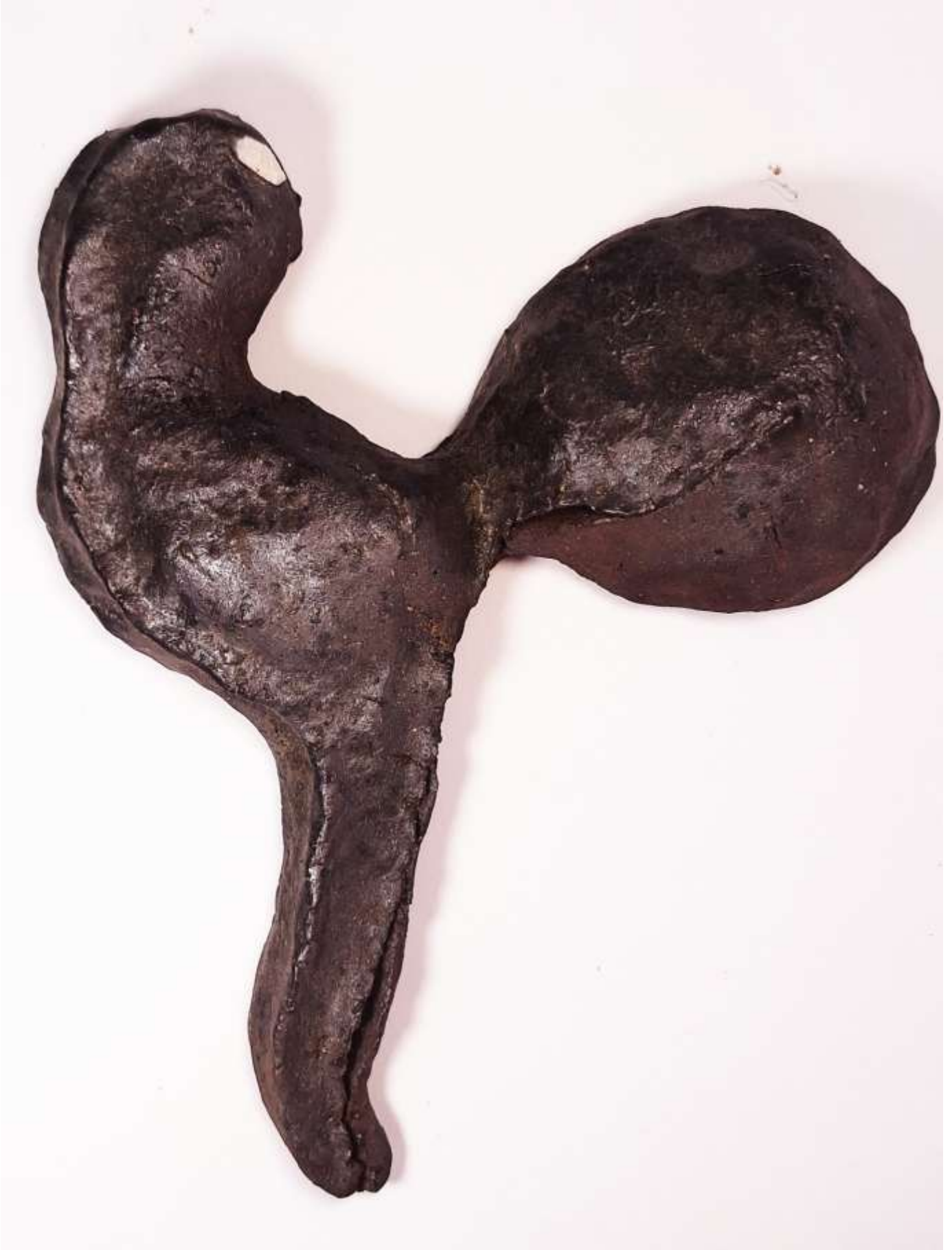
Fig.18 (p. 33) – *“Impurgo”* cerâmica de alta temperatura queimada à lenha e lodo 10cmX12cmX10cm_2025















Mary Douglas⁹ diz que “sujeira” é simplesmente matéria fora do lugar. Ela redefine a ideia de sujeira não como uma propriedade intrínseca de objetos ou substâncias específicas, mas como uma categoria cultural e simbólica. Não existe sujeira “em si”; ela depende sempre de um sistema cultural e simbólico que define o que está *no lugar certo* e o que está *fora do lugar*. A definição do que é puro e do que é impuro serve para manter a ordem dentro de uma cultura. Sujeira é tudo aquilo que ameaça essa ordem simbólica e social, e tais fronteiras culturais são arbitrárias e frágeis, e revelam que a ordem social é sempre construída e, por tanto, pode ser desafiada.

A lama como sujeira, é a mais clara retratação humana de seu distanciamento da natureza. Ela passa a ser percebida, de forma literal, como “matéria fora do lugar” à medida que nós mesmos nos colocamos longe do lugar onde ela é lama. Esse lodo se torna um abjeto duplamente, quando começa a ser percebido como sujeira e, anteriormente, percebido por sentidos primitivos como algo podre por conter matéria orgânica em decomposição.

Já o cabelo é inserido nas peças como uma maneira de personificação da obra, utilizo o cabelo como uma manifestação viva – e humana – dessa Sujeira. O cabelo nos atrai e repulsa, assim como a morte, se transformando em um abjeto¹⁰. Uma obra que quer ser viva, humana, repulsiva e atraente, pedindo para ser tocada e experienciada, mas assumindo seu lugar como geradora de asco.



Fig.19 a 22 (p.34-35) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha, lodo e cabelo_2025

Fig.23 (p.36) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha e cabelo_2025

Fig.24 e 25 (p.37-38) – processo de construção de peça, arq. pessoal_2025

⁹ Mary Douglas foi uma antropóloga britânica, nascida em 1921, que discute a “sujeira” em sua obra mais famosa “Pureza e Perigo” (1966).

¹⁰ Abjeção é um conceito da filósofa e psicanalista Julia Kristeva (1941). O abjeto, na teoria de Kristeva, é o que perturba a nossa distinção de individualidade, levando a um colapso de ordem simbólica. É o que atrai e repele, como a morte, fluídos, decomposição etc.











Fig.26 a 28 (p. 39-40) – Queima de cerâmica no forno anagama do Ateliê do Brejo em Silva Jardim-RJ. Arq. pessoal_2022



O processo de produção de peças cerâmicas, perpassa por uma etapa primordial. A queima. O barro se transforma através do calor intenso, sinterizando suas partículas e formando, assim, uma peça sólida e resistente.

A queima à lenha de alta temperatura é um processo que, para além de sinterizar as peças e transformá-las em cerâmica, ela proporciona a vitrificação das peças sem o uso de esmaltes, que são vidrados fabricados de alta viscosidade fundidos sobre uma superfície cerâmica. Nesse tipo de queima, diferente dos fornos elétricos que funcionam apenas com uma resistência, o uso da lenha faz com que uma enorme quantidade de cinza caia sobre as peças, numa atmosfera que pode chegar até 1400°C essas cinzas se fundem no corpo das peças, formando um vidrado.

Uma das diferenças nesse tipo de processo é que exige um completo desprendimento sobre o resultado final de cada peça. A queima à lenha entrega ao caos o poder de pintar as peças com cinzas, sem nos permitir muito controle sobre isso. O desapego é inerente a prática da cerâmica, porém, nesse tipo de queima esse desapego é ainda mais necessário.



Fig.29 – peça com argila local, sem esmalte, queimada em anagama à 1350°C
acervo de Igor Lins_2023



Fig.25

Para além dos efeitos e dos resultados das peças queimadas nesses fornos, a queima à lenha se diferencia de outras pela própria experiência do ato de queimar um forno. Diferente de outros fornos, esse tipo de queima geralmente se faz de forma comunitária, tendo em vista o trabalho braçal e esforço de alimentar o forno com lenha por várias horas – geralmente queimamos por no mínimo 16h, sem contar com o pré-aquecimento de 24h onde apenas alimentamos uma fogueira externa ao forno, para aquece-lo lentamente, podendo chegar à uma queima de 40h de trabalho constante – onde colocamos lenha na fornalha do forno com um intervalo pequeno, sendo necessário fazer turnos para que o esforço não seja tão exaustivo para todos.

As queimas coletivas, por mais cansativas que sejam, são eventos especiais onde nos reunimos envolta do fogo e passamos horas trocando conversas e conhecendo pessoas incríveis de uma maneira íntima que nenhuma mesa de bar é capaz de proporcionar. O fogo une, molda, torna resistente e belo não apenas as peças, mas todos os integrantes de uma queima.



Fig.31 – Queima no ateliê da artista Adel Souki, Brumadinho/ MG, 2024



Fig.32 – Queima no Ateliê do Brejo, Silva Jardim/ RJ, 2024



Fig.33 – Queima no Instituto Cultural de Cerâmica de Cunha, Cunha/ SP, 2023

Fig.34 a 39 (p. 45) – 40º queima no forno anagama do ateliê da artista Adel Souki, Brumadinho-MG, fotos de Giovanna (@gioalmcf)/ 2024

Fig.40 a 45 (p. 46) – Queima no forno smokeless no Instituto Cultural de Cerâmica de Cunha, Cunha- SP, fotos de Thayna Castro(@atelietulan)/ 2023





O termo *Morfomento* (título dado a este trabalho de conclusão de curso) é um neologismo criado no contexto desta pesquisa, a partir da junção do radical *morfo*, do grego *morphê*, “forma” – com o sufixo *mento*, comumente utilizado para formar substantivos derivados de verbos (como *nascimento*, *movimento*, *crescimento*). Embora *morfo* não seja um verbo na língua portuguesa, a escolha desse sufixo se justifica aqui não por uma obediência à gramática normativa, mas pelo sentido que carrega, de algo que está em formação, que emerge, que se torna, evoca a ideia de manifestação da forma, como um estado contínuo de “vir-a-ser”. A construção poética do termo busca ampliar os limites semânticos e sensoriais da linguagem, a partir do gesto da liberdade poética e conceitual, assumindo a linguagem como parte do próprio fazer artístico. *Morfomento*, nesse contexto, é o nome dado ao instante em que a forma se manifesta, como fluxo vivo de diferenciação e emergência da matéria. Não existe amorfia no ciclo da matéria, existe a forma dispersa e constantemente mutável (anamorfose), mas sempre é forma/morfa. Neste trabalho falo sobre o ciclo da vida/matéria, como um ciclo infinito da forma constantemente se transmutando e caminhando pelo espaço.

A série *Impurgo* nasce desses pequenos pensamentos de *Morfomento*, sobre *Dissoluto*, *Des/abrocho* e *Lume*. Sinto a necessidade de nomear ideias e renomear etapas como se isso me fizesse entender melhor sobre aquilo que penso e crio. O nome *Impurgo* veio depois da produção dos trabalhos, o movimento pra mim geralmente é esse, em que uma imagem aparece primeiro, a partir da produção dessa imagem começo a elaborar seus significados e de onde ela surgiu, e logo depois, às vezes, surge a necessidade de um nome. Expurgar é purificar; retirar impurezas; limpar; separar o que é mau, nocivo ou inútil, imoral; é colocar para fora, afastar a Sujeira do sujeito.

Impurgo é encostar a pele no nojo, no asco, purgar para o lado de dentro aceitar impurezas, sujeira, podridão; é a purificação interna através do contato e não do afastamento. A série é composta por objetos tocáveis, majoritariamente recipientes de cerâmica queimados à lenha, sendo preenchidos com lodo e cabelo, com aberturas para enfiar as mãos e tocar essa lama. A experiência que trago com os objetos de *Impurgo* é a de se permitir o contato com o nojo, a morte e a vida, de uma vez só, através do lodo. Aquele que contém matéria orgânica em decomposição, antigas mortes se transmutando em outras vidas, barro, água, uma lama fértil e repugnante, com cheiros intensos, acompanhada pelo medo de animais que poderiam espreitar debaixo da massa escura. Junto a isso, coloco em cada obra, pelo menos, um fio de cabelo. Seja de forma externa ao objeto, seja o cabelo imerso no lodo que preenche as peças, intensificando ainda mais nosso *nojo* da *sujeira*, representando essa personificação do que é vivo e morto, através de uma dicotomia de aversão e atração.

Fig.46 (p. 49) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha e cabelo_2025

Fig.47 a 49 (p.50-52) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha e cabelo_2025

Fig.50 a 53 (p. 53-55) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha
40cmX40cmX15cm_2025

Fig.54 (p. 56) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha
40cmX30cmX25cm_2025

















O desejo de pesquisar sobre o nojo, sobre a morte, dentro de um contexto não-violento, sob a perspectiva dessa putrefação dos corpos em decomposição dentro do ambiente natural pertencente ao ciclo da vida, existiu em todo decorrer da minha produção dentro da Escola de Belas Artes. Aqui, nesta escrita, pude compreender um pouco mais sobre qual morte, qual fertilidade e qual vida quero apontar com minha produção artística, e principalmente, qual matéria utilizar para falar sobre minha pesquisa. Conhecer os processos que envolvem a cerâmica artesanal, conhecer a argila como ferramenta e o processo de coleta de barro local, assim como todo o processo de queima de peças cerâmicas à lenha, me trouxe uma nova perspectiva sobre um trabalho artístico que, para além da produção de obras, envolve de forma mais direta a troca e as experiências compartilhadas com outros, assim como falo no começo desse trabalho “...criar aquilo que essa pesquisa mais preza. Contato. Aquilo que toca.” (p.08).

Por fim, esse trabalho de conclusão de curso nada mais é do que um espaço para minha própria confusão, com uma escrita sem muitas pretensões, sem a necessidade de grandes suportes teóricos e bibliográficos, apenas com a intenção de organizar alguns pensamentos e poéticas amadurecidos durante minha graduação.

trabalhos anteriores

A seguir, alguns trabalhos e textos produzidos no decorrer da graduação, que mostram o caminho de pesquisa percorrido até aqui.

texto de 2021 sobre trabalho produzido na disciplina de Representações 3D

/carapaça Votiva, sacralização escatológica do corpo/

Já arranquei 6 dentes, 4 sisos e 2 pré-molares, e sempre volto pra casa depois da extração com eles no bolso. Quando corto meu cabelo guardo em um ziplock. E depois que comecei a deixar minhas unhas crescerem bastante, quando corto coloco-as no potinho junto com meus dentes. O projeto pensado é uma ampliação desse habito. Com um objetivo mais ritualístico, de contato com o divino, de veneração à vida e a morte. Um altar para os resíduos do corpo, em que se contempla a memória já morta, de um corpo ainda vivo. Lugar onde se guarda aquilo que expelimos, perdemos, cortamos, arrancamos, cuspiamos. Expurgos. Tudo aquilo que sucumbe do corpo. “Tudo está cheio de deuses”. Tudo surge do úmido, isto é, quando se falta umidade, falta-se também a vida. Para Tales de Mileto o princípio de todas as coisas(arché) é a água, onde tem água tem umidade, onde tem umidade tem vida.

O projeto consiste em um receptáculo, que ao receber os resíduos do corpo se fecha em uma carapaça, abraçando a matéria que será louvada. A matéria inserida na carapaça votiva é absolutamente tudo aquilo que um dia pertenceu ao nosso corpo. Unhas, cabelo, fezes, urina, poeira/pele morta, gozo, esperma, lágrimas, catarro, dente, órgãos, pele, sague, secreções, pelos, a carapaça se transforma em um objeto de contato com o divino, Deus como nosso próprio corpo, rezar à decomposição, sacralizar a impureza/ o grotesco/ nojento/ repugnante. Carapaça que se fecha, abraça, acolhe, protege, guarda.



Fig.55 a 59 – Estudos para o projeto de *Carapaça Votiva_2021*

*texto de 2023 sobre trabalho produzido na disciplina de
Tópico Especial e Outros Processos Gráficos*

*/...avesso, entre nas entranhas, banhe-se na tinta,
vire-se do.../*

avesso é um trabalho que surgiu da obsessão. Um novo lugar de pesquisa que começa a explorar a inserção do corpo dentro do objeto, e tudo que esse fundir me permite. Minha obsessão com as imagens me faz atribuir novos sentidos e objetivos a elas, mas ao mesmo tempo me cansa. Olho tanto pra elas que me vejo exausta das mesmas, me apaixono tão profundamente até não sobrar mais nada para amar nessas imagens. O trabalho Averso começou a ser pensado a partir dessa obsessão pela imagem, obsessão que existe também pelo objeto antes da imagem. As fotografias que compõem os trabalhos apresentados falam sobre minha relação com os objetos “nojentos” que tanto tenho gosto, objetos mortos/vivos, objetos que expelem, que derramam, objetos por dentro, objetos que se acabam, se transformam, objetos que nem todos gostam de olhar. O polvo, um animal que depois de morto, se torna um objeto desejado, que ingerimos, que cozinhamos, que tocamos, que não temos nojo quando o colocamos na boca, aqui aparece do avesso. O polvo morto, que não está no lugar honrado de se tornar alimento, de se tornar sabor, aparece como algo abstrato, nojento, e ao mesmo tempo como uma forma reconhecível, associada a nossos próprios corpos. A partir desse reconhecimento com o meu próprio corpo, começo a transformar esse polvo cada vez mais em mim, virando-o do avesso, esticando, estripando, enfiando minhas mãos até me reconhecer cada vez mais. Nesse momento as imagens são feitas, e aquela obsessão que existia pelo objeto, acha um novo caminho. A proposta do trabalho Averso é a busca pela intimidade maior com a imagem, é se colocar literalmente dentro dela, voltando para aquele lugar de reconhecimento com o objeto anterior à imagem, mas agora é o reconhecimento com um novo objeto, as imagens feitas não são mais o polvo, nem o avesso do polvo, são símbolos desse reconhecimento. A intenção é me aprofundar mais nessa inserção do corpo dentro da obra, começar a experimentar outros sentidos para além do olhar, buscar novas texturas, materiais, novas formas de colocar cada vez mais o corpo, meu e do outro, dentro desse lugar estranho e amedrontador de conexão com o nojo, que nos faz parte. Teratoma é um pequeno experimento que começa a mesclar essa natureza de comparação entre eu e os objetos. Uso as mesmas imagens usadas em Averso, mas as coloco em contato direto com partes humanas reais, para diminuir ainda mais o distanciamento de nossa carne com as do polvo. A intenção é continuar experimentando e mesclando os dois trabalhos, inserindo meus experimentos com Teratoma em objetos como Averso.









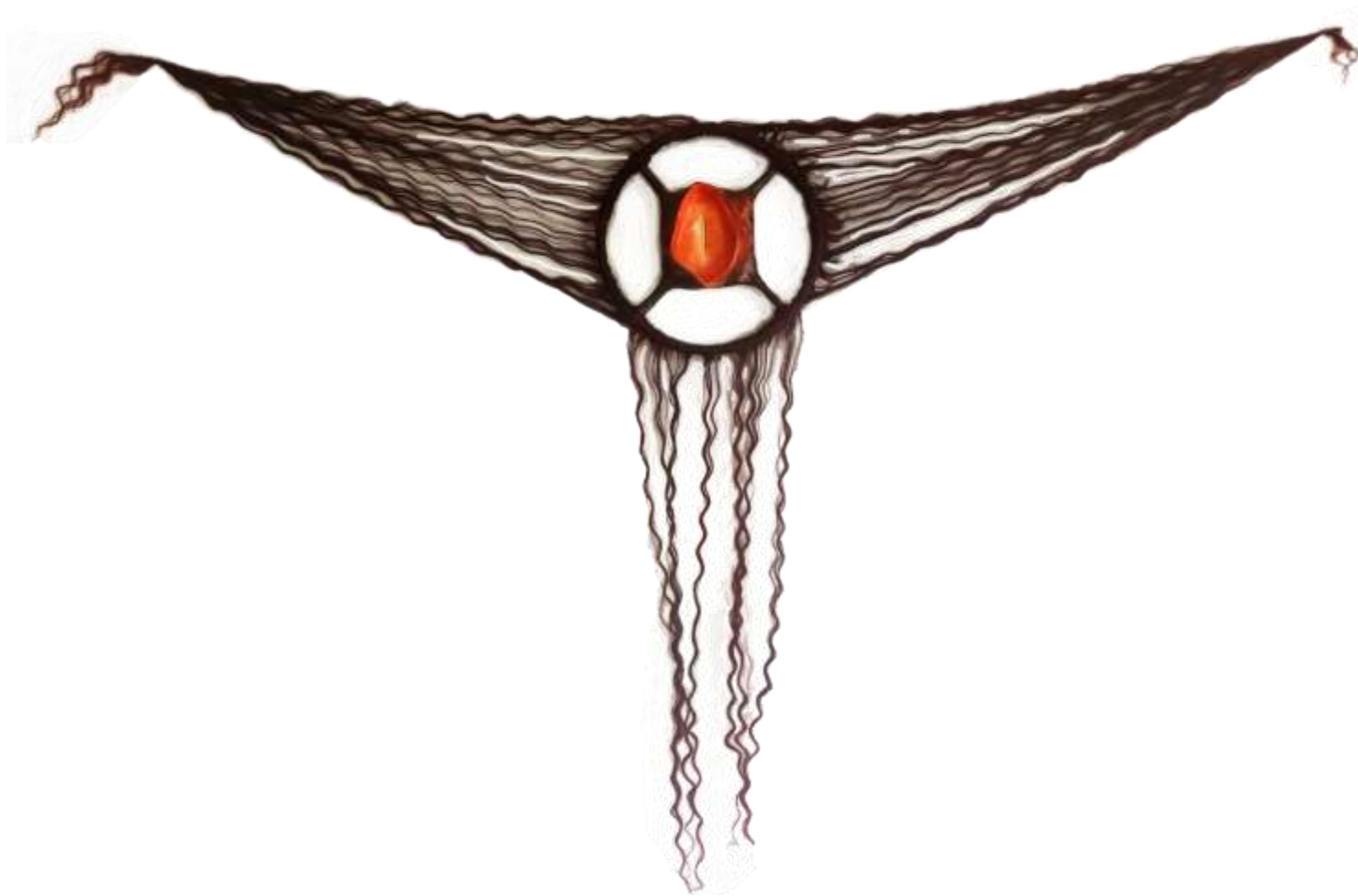


Fig.64 – “sem título” papel machê, cabelo e acrílica sobre tela_90cmX70cm_2023

Fig.65 – “sem título” papel machê, cabelo e acrílica sobre tela
25cmX70cm_2023





Fig.66 – “sem título” fotografia digital_2023



Fig.67 – “sem título” fotografia digital_2024



Fig.68 – “*sem título*” fotografia digital_2024

Fig. 69 – “sem título” poliuretano, cabelo e acrílica sobre tela
40cmX60cm_2023





Fig.70 – “sem título” fotografia digital_2023



Fig.71 – “sem título” fotografia digital_2023



Fig.72 – “sem título” fotografia digital_2023



Fig.73 – “sem título” fotografia digital_2023

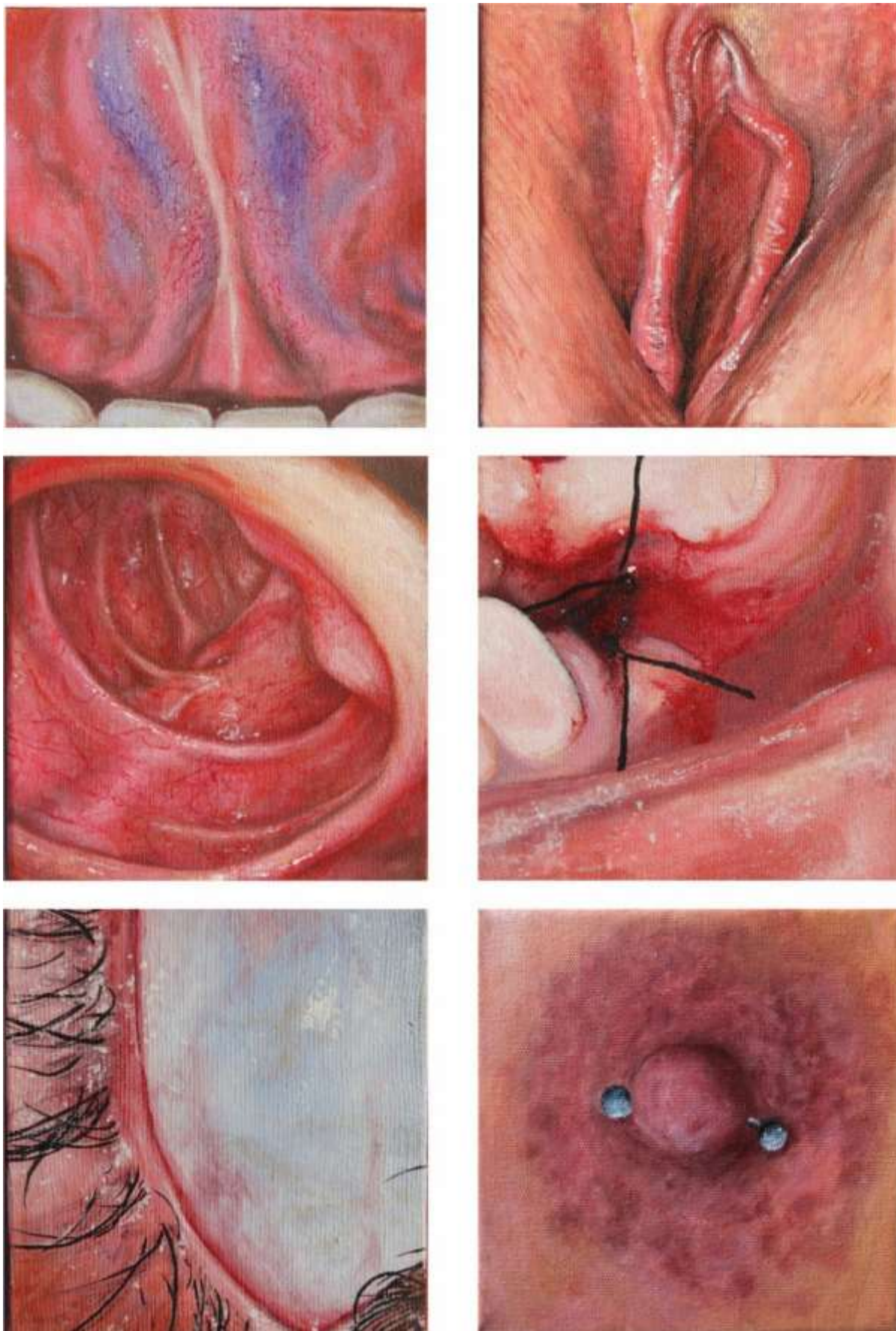


Fig.74 a 79 – “sem título” acrílica sobre tela_10cmX10cm cada_2023



Fig.80 – “*sem título*” papel machê, sal grosso e acrílica sobre tela_40cmX40cm_2019



Fig.81 – “*sem título*” papel machê, cola quente e acrílica sobre tela_40cmX20cm_2019



Fig.82 – “sem título” óleo em papel kraft_15cmX15cm_2021

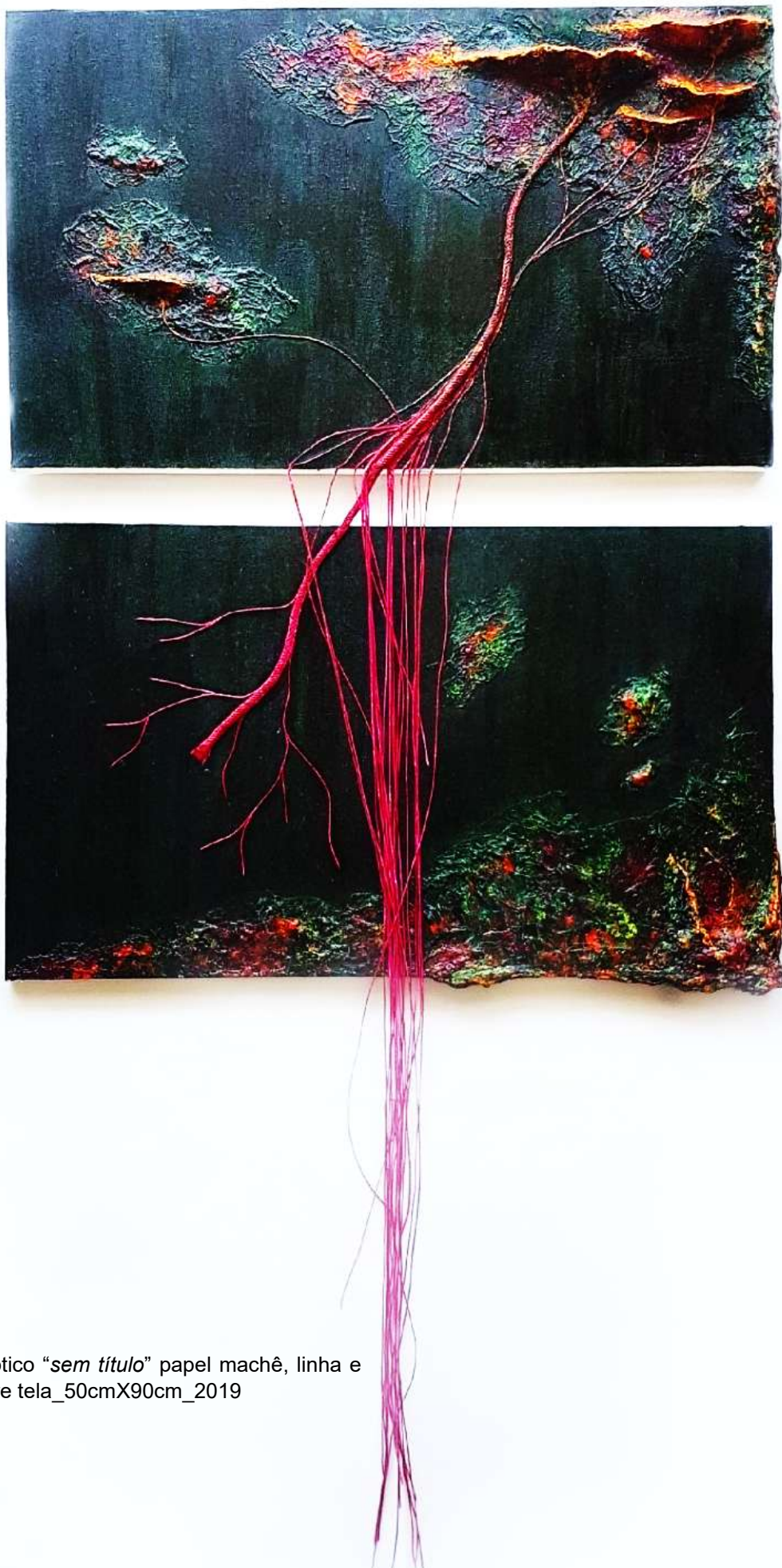


Fig.83 – díptico “*sem título*” papel machê, linha e acrílica sobre tela_50cmX90cm_2019



Fig.84 – “*sem título*” cola quente, linha e acrílica sobre tela_10cmX90cm_2023



Fig.85 – “*sem título*” cola quente, linha e acrílica sobre tela_10cmX90cm_2023



Fig.86 – “sem título” fotografia digital_2023



Fig.87– “sem título” fotografia digital_2023

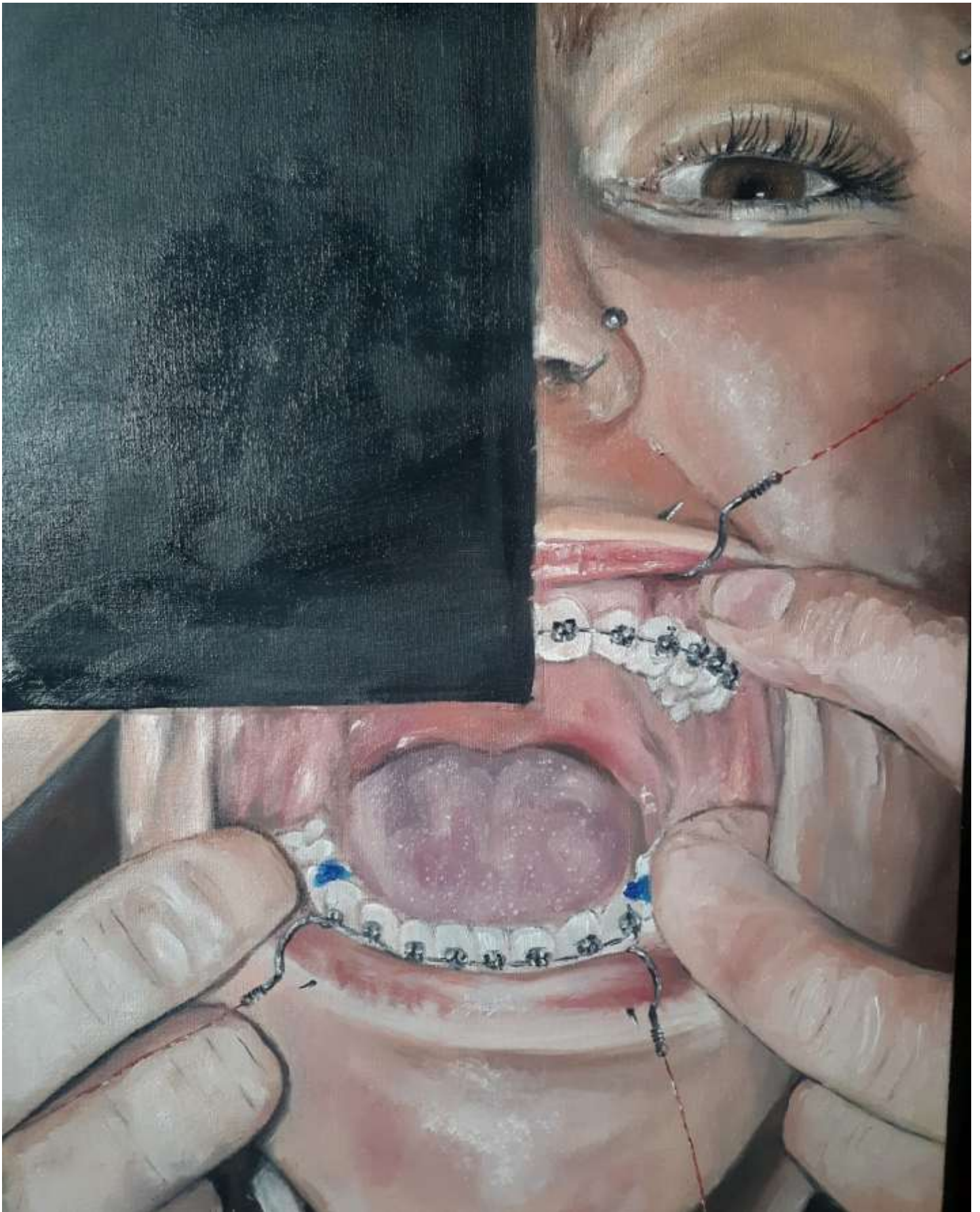


Fig.88 – “sem título” óleo sobre tela encolada em madeira_80cmX60cm_2022

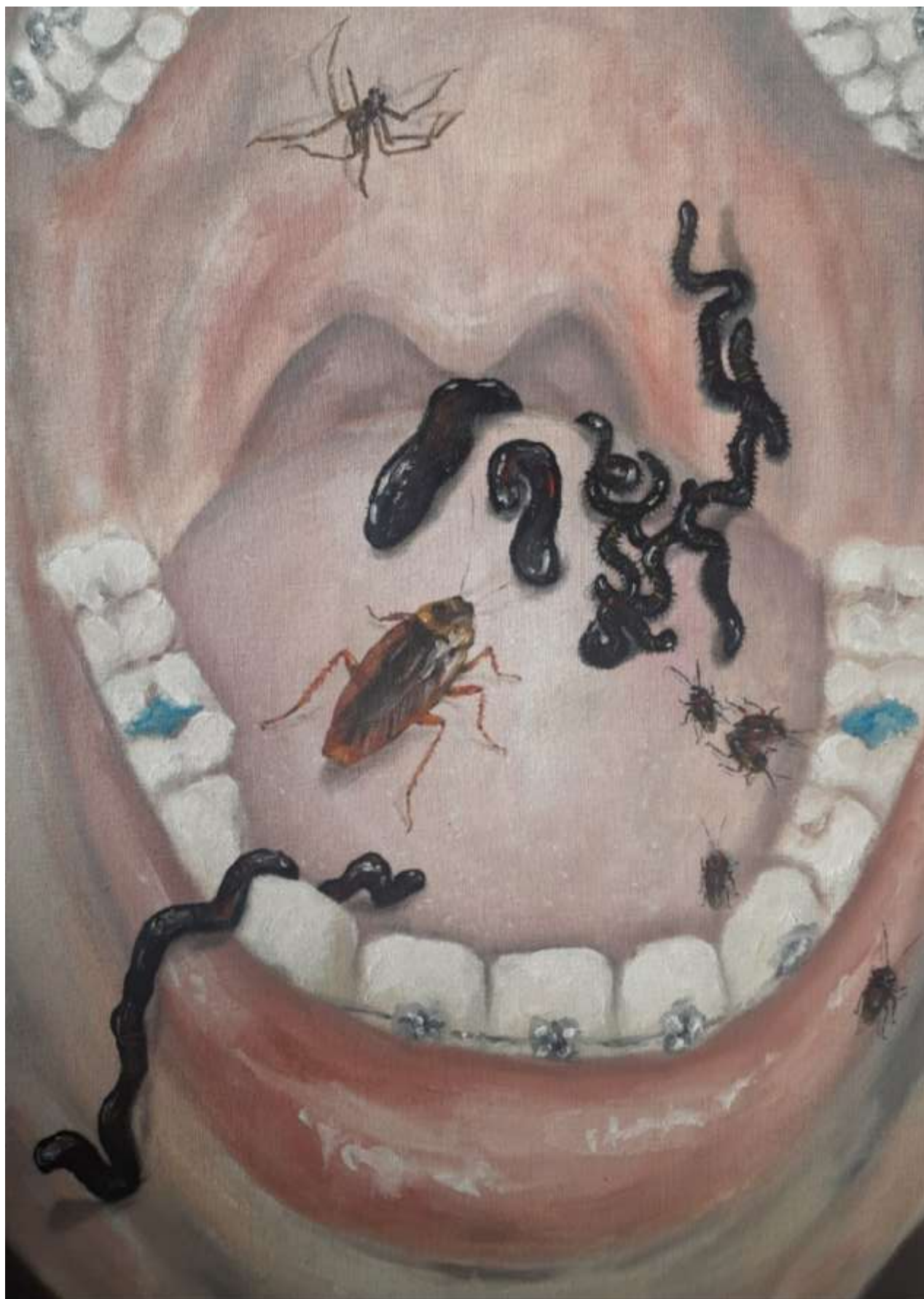


Fig.89 – “*sem título*” óleo sobre tela encolada em madeira_80cmX60cm_2022



Fig.90 – “sem título” acrílica sobre kraft A1_2022

bibliografia

- _ <https://michaelis.uol.com.br>
- _ BATAILLE, Georges. O Erotismo (1957)
- _ BATAILLE, Georges. História do Olho (1928)
- _ Seminário: Arte e Erotismo em George Bataille_ministrado por Potira Maia
- _ Artigo: A Fenomenologia do Asco de Aurel Kolnai: Contribuições para o esclarecimento Fenomenológico dos Afeitos. Yuri Amaral de Paula
Tommy Akira Goto
- _ Artigo: Como o nojo explica tudo; entenda como é formada essa emoção humana. Por Molly Young, no The New York Times. <https://www.esmaelmorais.com.br/como-o-nojo-explica-tudo-entenda-como-e-formada-essa-emocao-humana/>
- _ Artigo: Abjeção em Julia Kristeva: interlocuções com Sigmund Freud e George Bataille. Manoel Rufino
- _ Artigo: O conceito de abjeção em Julia Kristeva. Manoel Rufino David de Oliveira
- _ Artigo: Os poderes da arte à prova do nojo. Carole Talon-Hugon
- _ Palestra ministrada por Luiz Fuganti. Corpo sem Órgãos. Festival Contemporâneo de dança, 2011. (https://www.youtube.com/watch?v=IlwxWe_Tvo4)
- _ Workshop Arte e Erotismo em Georges Bataille com Potira Maia. (<https://www.youtube.com/watch?v=HXrvlxYlyTs>)

lista de imagens

- Fig.01 a 04** (p.20-21) – Caderno de pesquisa. Arq. pessoal_2025
- Fig.05** (p.23) – Fotoperformance. Arq. pessoal_2025
- Fig.06** (p. 24) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha, e lodo_2025
- Fig.07 a 10** (p. 25) – Produção das peças de “*Impurgo*”. Arq. pessoal_2025
- Fig.11** (p. 27) – Peça de barro antes da queima. Arq. pessoal_2025
- Fig.12** (p. 28) – Cerâmicas de alta temperatura queimadas à lenha. Arq. pessoal_2025
- Fig.13 a 15** (p. 29-30) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha_25cmX32cmX25cm_2025
- Fig.16** (p. 31) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha_20cmX16cm_2025
- Fig.17** (p. 32) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha_10cmX7cm_2025
- Fig.18** (p. 33) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha e lodo_10cmX12cmX10cm_2025
- Fig.19 a 23** (p. 34-35) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha, lodo e cabelo_40cmX30cmX25cm_2025
- Fig.23** (p. 36) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha e cabelo_60cmX100cmX40cm_2025
- Fig.24 e 25** (p. 37-38) – Processo de montagem de peça. Arq. pessoal_2025
- Fig.26 a 28** (p. 39-40) – Queima de cerâmica no forno anagama do Ateliê do Brejo, Silva Jardim- RJ. Arq. pessoal_2022
- Fig.29 e 30** (p. 41-42) – Cerâmica de alta temperatura, sem esmalte, queimada em anagama à 1350°C. Acervo de Igor Lins. Arq. pessoal_2023
- Fig.31** (p. 43) – Participantes da 40ª queima no forno anagama do ateliê da artista Adel Souki, Brumadinho- MG, arq. pessoal/ 2024
- Fig.32** (p. 44) – Participantes da queima no forno anagama do Ateliê do Brejo, Silva Jardim- RJ, arq. pessoal_2024
- Fig.33** (p. 44) – Participantes da queima no forno smokeless do Instituto Cultural de Cerâmica de Cunha, Cunha- SP, arq. pessoal_2023
- Fig.34 a 39** (p. 45) - 40ª queima no forno anagama do ateliê da artista Adel Souki, Brumadinho- MG. Fotos de Giovanna (@gioalmcf)_2024
- Fig.40 a 45** (p. 46) - Queima no forno smokeless no Instituto Cultural de Cerâmica de Cunha, Cunha- SP, fotos de Thayna Castro(@atelietulan)_2023
- Fig.46** (p. 49) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha e cabelo. 25cmX32cmX25cm_2025
- Fig.47 a 49** (p. 50-52) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha e cabelo. 60cmX100cmX40cm_2025
- Fig.50 a 53** (p. 53-55) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha_40cmX40cmX15cm_2025
- Fig.54** (p. 56) – “*Impurgo*” cerâmica de alta temperatura queimada à lenha_40cmX40cmX15cm_2025
- Fig.55 a 59** (p. 58) – Estudos para o projeto de *Carapaça Votiva*. Barro cru, sangue, dentes, unhas e cabelo. Arq. pessoal_2021
- Fig.60 a 63** (p. 60-63) – “...avesso, entre nas entranhas, banhe-se na tinta, vire-se do...” Fotografia e manipulação digital_2023
- Fig.64** (p. 64) – “*Sem título*”. Papel machê, cabelo e acrílica sobre tela_90x70cm_2023
- Fig.65** (p. 65) – “*Sem título*”. Papel machê, cabelo e acrílica sobre tela_25x70cm_2023
- Fig.66** (p. 66) – “*sem título*” fotografia digital_2023
- Fig.67** (p. 67) – “*sem título*” fotografia digital_2024
- Fig.68** (p. 68) – “*sem título*” fotografia digital_2024
- Fig.69** (p. 69) – “*sem título*” poliuretano, cabelo e acrílica sobre tela_40cmX60cm_2023
- Fig.70** (p. 70) – “*sem título*” fotografia digital_2023
- Fig.71** (p. 71) – “*sem título*” fotografia digital_2023
- Fig.72** (p. 72) – “*sem título*” fotografia digital_2023
- Fig.73** (p. 73) – “*sem título*” fotografia digital_2023
- Fig.74 a 79** (p. 74) – “*Sem título*”. Série de 6 pinturas. Acrílica sobre tela_10x10cm cada_2023

- Fig.80** (p. 75) – “*Sem título*”. Papel machê, sal grosso e acrílica sobre tela_40x40cm_2019
- Fig.81** (p. 75) – “*Sem título*”. Papel machê, cola quente e acrílica sobre tela_40x20cm_2019
- Fig.82** (p. 77) – “*Sem título*”. Óleo sobre papel kraft_15cmx15cm_2021
- Fig.83** (p. 78) – “*Sem título*”. Díptico, papel machê, linha e acrílica sobre tela_50x90cm_2019
- Fig.84 e 85** (p. 79-80) – “*Sem título*”. Cola quente, linha e acrílica sobre tela_10x90cm_2023
- Fig.86** (p. 81) – “*sem título*” fotografia digital_2023
- Fig.87** (p. 82) – “*sem título*” fotografia digital_2023
- Fig.88** (p. 83) – “*Sem título*”. Óleo sobre tela encolada em madeira_80x60cm_2022
- Fig.89** (p. 84) – “*Sem título*”. Óleo sobre tela encolada em madeira_80x60cm_2022
- Fig.90** (p. 85) – “*Sem título*”. Acrílica sobre papel kraft A1_2022
- Fig.91 a 103** (p. 91-97) – Imagens da queima coletiva no Ateliê do Brejo_2025

anexo: exposição/ queima coletiva

A série Impurgo, desenvolvida como parte da pesquisa *Morfomento: construção do impurgo pelo lodo*, foi apresentada não em uma exposição convencional, mas através de uma queima coletiva no forno anagama do Ateliê do Brejo. A escolha desse formato desloca o momento expositivo para o próprio processo de transformação da matéria.

No forno à lenha, as peças deixam de ser apenas objetos finalizados para se tornarem participantes de um acontecimento coletivo, submetidas à ação do fogo, das cinzas, do tempo e do caos. Assim como os conceitos que atravessam a pesquisa, a queima se constrói a partir da interação entre múltiplos corpos, materiais e forças que se afetam mutuamente.

Realizar a apresentação da série nesse contexto reforça a compreensão do trabalho como processo e não como forma estática. A cerâmica, ainda em transformação, permanece aberta ao imprevisível do fogo e à presença do outro. A queima coletiva, portanto, não é apenas um momento técnico de finalização das peças, mas uma extensão da própria poética da pesquisa. Um espaço de convivência entre matéria, tempo, comunidade e transformação.





Fig.91 a 103 – Imagens da queima coletiva no Ateliê do Brejo_2025











